

Miscigenação cria uma nova etnia

... Chegar à aldeia dos Tapuya, o mais numeroso dos três grupos indígenas que restaram em território goiano, pode tornar-se uma missão impossível para os desavisados. Localizada no Noroeste do Estado, entre os municípios de Rubiataba e Nova América, não é difícil que ela passe despercebida. Ali, afinal, não se encontram ocas, arcos e flechas e muito menos o que a sociedade nacional entende por "índio". Fruto de uma longa miscigenação, iniciada no final do século passado e intensificada a partir da década de 40, o grupo mistura índios, brancos e negros. O resultado hoje é um tipo físico que mais se associa à imagem de caboclos do que propriamente a de indígenas.

Com o biotipo, mudaram também inúmeros aspectos da vida social. Os 125 adultos e crianças das 23 famílias que moram ali dividem seu tempo entre a aldeia e o mundo do homem branco, onde não raro tornam-se até empregados. Vivendo em casas de alvenaria e falando somente o português, eles não realizam mais rituais, não curam e não pescam e assim vão con...

um novo modo de existir. Cada família tem sua parcela de terra, na qual planta e cria para a subsistência. Com esta sub-divisão do território, ao invés da tradicional proximidade das habitações de aldeias indígenas, as casas são separadas por centenas de metros e até quilômetros. No lazer, brasileiramente suas preferências se conduziram para o futebol e a novela.

Etnia - "Os Tapuya constituem uma nova etnia", afirma a pesquisadora Marlene Castro Ossami de Moura, do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. Com tese defendida sobre o assunto na Universidade de Estrasburgo, na França, ela explica que agora o desejo deles se volta para o desenvolvimento sócio-econômico, o que deve ser entendido como a aquisição de equipamentos agrícolas e insumos básicos como a energia elétrica. "A transformação do grupo se deu a partir da readaptação a uma nova realidade", observa.

Tais mudanças, ao contrário do que se pode imaginar, não descaracterizaram os Tapuya como grupo indígena, pois eles jamais deixaram

de assumir sua identidade. "Eles não morreram. E tudo o que querem é ser respeitados naquilo que são, em sua cultura e em sua autonomia", ressalta Marlene. O principal marco desta nova história aconteceu em 1985, quando a reserva foi demarcada pelo governo, viabilizando a convergência do grupo. Antes disso, parte das terras já havia sido vendida e, em alguns casos, até mesmo trocada por cachaça. A partir da demarcação e sua posterior homologação em 1990, iniciou-se uma verdadeira reestruturação na comunidade local.

"A garantia do território foi um dos pontos de partida para a afirmação da identidade tapuya", afirma Marlene. Segundo ela, para os indígenas a terra é algo sagrado - na qual estão assentadas suas vidas, a sobrevivência, os antepassados, a religiosidade e o mundo mágico - e, não, uma reserva de valor como é para o homem branco. Para o missionário alemão Bernardo Jung, que os assiste há oito anos, a realidade dos Tapuya melhorou. Hoje eles ainda não estão como deveriam, mas pelo menos estão mais seguros", diz.

Contra casamento com brancos

A hipótese corrente é de que os Tapuya são fruto do cruzamento de cinco nações - Xavante, Xerente, Caiapó, Karajá e Javá - e inúmeros negros e brancos, que se encontraram na aldeia do Carretão a partir do final do século 18. Um dos melhores exemplos desta história é a família de Salvador Vieira da Costa, 50 anos. Constituída a partir de seu casamento com a branca Maria Lina, a família é um retrato vivo tanto da intensa miscigenação quanto do modo de vida que vem sendo assumido pelo grupo. Os nove filhos do casal impressionam qualquer visitante. De pele e cabelos claros, eles mais se parecem com descendentes de europeus e, senão para quem os conhece, jamais poderiam ser identificados como índios. Mas, são e assim se assumem. "Nossa vida é essa", diz Salvador.

Como uma família da zona rural, os seus membros se dividem nas várias tarefas, desde as domésticas, como cozinhar e lavar, àquelas relacionadas com a formação de roças e a criação de animais. Em sua parcela de terra, distante um quilômetro do posto da Funai, a família planta arroz, feijão, milho e mandioca e cria galinhas, porcos e algumas reses. Tudo é destinado à subsistência diária e, salvo exceções, não há excedentes para a comercialização. Primeiro porque plantam pouco e, segundo, porque a noção de "acúmulo de riqueza" não faz parte de sua realidade.

Felicidade - Vivendo com simplicidade em uma pequena casa com quatro cômodos, Salvador, a espo-

sa e os nove filhos se dizem satisfeitos. Nas paredes, a exemplo das adolescentes brancas, Ana Márcia, 13 anos, e suas irmãs desenham corações e escrevem frases de amor. Do lado de fora, os meninos se divertem no campo de futebol e, vez por outra, passeiam de bicicleta. Para Salvador, as coisas estão se ajeitando e, por isso, não há muito o que reclamar. "Agora está ficando bom", afirma, enquanto serve um cafezinho, bebida tradicional entre os Tapuya.

As outras famílias não distoam deste modo de viver. Todas adoram receber visitas, gostam de conversar e misturam simpatia e felicidade, sempre dosando trabalho e lazer. Na reserva, eles contam com posto de saúde, escola e uma televisão, que transforma-se, nas noites e nos finais de semana, no seu grande ponto de encontro. Programa predileto: novela, qualquer novela.

Casamento - Mas mesmo com este quadro, as raízes tapuya continuam firmes. Uma das principais manifestações é a prioridade que eles passaram a dar aos casamentos dentro do próprio grupo. Particularmente as uniões entre uma tapuya e um branco já não são tão bem-vindas. A justificativa é que não se sabe se o branco está casando por amor ou por causa da terra que vai receber. Para o cacique José Borges Ferraz de Lima, é preciso ficar de olho nestas situações, porque, mesmo com a homologação da reserva, as áreas mais férteis ainda estão com os posseiros.

Filho de branco com tapuya,

Lima casou-se duas vezes, tem nove filhos, mas hoje mora sozinho, sobrevivendo com 100 reais de aposentadoria. Há 14 anos, foi eleito o cacique do grupo, numa disputa que teve dois candidatos. A sua eleição foi mais mostra do quanto o mundo tapuya se transformava, numa constante adaptação à sociedade e ao ambiente. Ainda que fortes saudades de um outro tempo, "cheio de festas e cantorias", sempre apareçam em sua memória, ele sente-se feliz em estar ali vendo seu grupo se fortalecer. Para ele, "ser Tapuya é viver".

